



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

LUTO, MORTE E COVID-19: UM ESTUDO ACERCA DA FINITUDE

VÍTOR DE PAIVA VIEIRA¹

RESUMO

O artigo apresenta os conceitos de luto e morte no atual contexto de pandemia de COVID-19 e traz as contribuições da Psicologia Hospitalar sobre o tema. Discorre sobre as experiências de morte e de luto, normalmente vistas de forma negativa na compreensão do senso comum e relaciona esse negativismo à pouca aceitação da finitude humana, pela maioria da sociedade. O método utilizado foi o de revisão bibliográfica através da qual se buscou em artigos, livros, periódicos e cartilhas, trabalhos sobre os temas em foco. Conclui-se com a indicação de que os profissionais da psicologia consigam compreender os temas tratados e entender a necessidade de se falar sobre eles no contexto hospitalar, bem como em outras áreas da sua profissão.

Palavras-chaves: Luto. Morte. Covid-19. Finitude. Psicologia hospitalar.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

“As flores brotam e morrem, as estrelas brilham, mas um dia se apagarão. Tudo morre, a terra, o sol, a Via Láctea e até mesmo todo esse universo não é exceção. Comparado com isso, a vida do homem é tão breve e fugidia quanto um piscar de olhos. Nesse curto instante, os homens nascem, riem, choram, lutam, sofrem, festejam, lamentam, odeiam pessoas e amam outras. Tudo é transitório. E em seguida, todos caem no sono eterno chamado morte.”

(Masami Kuramada)



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento humano, todos nós passamos por estágios e momentos diferentes, como nascer, crescer, socializar, ter relacionamentos, criar vínculos, estar feliz e depois triste, sofrer, festejar, até o momento da morte. Pois tudo na nossa existência é transitório. Alguns irão passar por todo o processo e outros terão o seu tempo interrompido. Todos os seres irão encontrar a temida morte. Por sermos seres finitos, devermos ter um olhar positivo sobre a morte, a fim de aprendemos a não a temer e sim entender como ela se apresentará para nós.

No ambiente hospitalar, o luto poderá ser compreendido e analisado antes do paciente morrer, pois ele é vivenciado enquanto o indivíduo está internado no hospital e todos que estão envolvidos diretamente ou indiretamente com o paciente sofrem com esse sentimento de perda. Alguns conseguem lidar melhor com tal sentimento, outro levam um tempo maior para processar o luto vivido, cabendo ao profissional da psicologia respeitar o tempo do outro. O luto deve ser trabalhado da melhor forma possível, para que os familiares possam processar o sentimento de forma gradual e de forma que eles possam ressignificar a futura perda.

No ambiente hospitalar, o profissional da psicologia irá intervir nas questões que envolvem os sentimentos e as vivências que o paciente apresenta no leito do hospital, já que este trará as suas questões pessoais, como: angústias, sofrimentos, arrependimentos de fatos que viveu ao longo da vida, sentimentos de saudades de pessoas que tiveram um impacto na sua trajetória individual.

No contexto de COVID-19, a nossa existência foi ameaçada e desafiada, para que pudéssemos aprender a ter uma outra perspectiva sobre a morte e o luto e aprendêssemos a elaborar o nosso processo de sofrimento. Com isso, a psicologia hospitalar tem o papel fundamental de orientar os enlutados a



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

compreenderem o seu próprio processo de sofrimento existencial e os seus sentimentos perante a morte, a fim de trazer um novo sentido para eles e a buscarem outras formas de seguir em frente.

METODOLOGIA

A revisão bibliográfica é um método de pesquisa adotado no campo das ciências e principalmente nos cursos de graduação, sendo ela a forma como o pesquisador irá iniciar o seu trabalho de pesquisa. Esse método consiste em reunir as produções que foram realizadas sobre o tema escolhido para discutir na pesquisa e apresentar os principais aspectos do trabalho dos autores. Os autores Bastos e Keller (1995) apresentam uma explicação sobre o assunto: “*A pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo*”.

Para realizar a pesquisa de revisão bibliográfica, é importante ter o tema definido e a partir disso, o pesquisador utilizará palavras-chave que sejam relacionadas com o que se buscar estudar, como afirma os autores Sousa; Alves et al. (2021):

“A pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada.”

Para pesquisar os materiais utilizados, buscou-se utilizar dos meios eletrônicos Scielo (página de busca e armazenamento de artigos por área de conhecimento), Google Acadêmico, além de sites de universidade.

A metodologia escolhida para realizar a pesquisa se deu através de uma contextualização dos processos de luto e morte apresentando-se o momento atual de COVID-19, em decorrência da necessidade de contribuir para informações pertinentes aos dois conceitos principais. Para a apresentação dos mesmos, buscou-se elucidar os temas, trazendo exemplos de como o luto e a



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

morte são representados na sociedade, para que se pudesse aprofundar a perspectiva da psicologia hospitalar no atual contexto de pandemia.

Além de reunir os aspectos da teoria dos autores, o pesquisador irá contribuir com a sua visão dos materiais produzidos pelos autores, além de dar a sua opinião. A revisão bibliográfica é fundamental na pesquisa, por ser o embasamento da pesquisa, já que não há nenhum trabalho acadêmico que irá começar do zero, mas sim a partir de um pensamento de algum teórico. Dessa forma, os materiais serão lidos e analisados para saber se as discussões encontradas no texto irão agregar valor no trabalho. Por esses motivos que a revisão bibliográfica é de suma importância na hora de se pensar no trabalho científico.

FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA

O estudo sobre a morte e o luto decorrentes da epidemia de Covid19 tem sido realizado por vários autores dos quais destacamos: Simonetti (2013), Kübler-Ross (2017), Combinato e Queiroz (2006), Paranhos e Werlang (2009), Kóvacs (2010), Becker (1973), Parkes (1998), Fukumitsu (2014;2018), Quintana Arantes (2017). Neste artigo nos basearemos em alguns deles.

Começaremos por refletir sobre a morte em termos gerais, através dos trabalhos da psiquiatra Elizabeth Kübler-Ross (2017). No livro “Sobre a morte e o morrer” (2017), a autora apresenta uma discussão sobre os comportamentos que a medicina da época assumia perante o paciente em estado terminal, de forma que ele não era reconhecido nesta sua condição. Além dessa proposta, a autora apresenta que todo paciente, independentemente da sua condição de terminalidade, possui consciência sobre a situação vivida. Kübler-Ross apresenta, também, os estágios do luto que cada paciente vivencia. Esses estágios foram estudados por ela, a fim de entender a forma que cada um enfrenta a morte.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A autora Zubiría (2005) considera que o Movimento Tanatológico, como ela mesmo nomeou, começou a partir dos estudos da Kübler-Ross, apesar de que a autora não o tenha nomeado assim (LIMA, PARANHOS et. al, 2009). O termo deriva-se do latim “*Thanatos*”, e refere-se ao deus da mitologia grega, o Deus da morte. Já o sufixo “*logia*”, também deriva do latim e significa “estudo”. Dessa forma e a partir dessa raiz etimológica, a palavra Tanatologia remete ao estudo científico da morte, da teoria, de seus sinais e da sua natureza.

Quando falamos de morte, os indivíduos tendem a evitar o assunto, pois é uma questão complexa. A morte pode ser interpretada pelo contexto da religião ou pelo contexto existencial, uma vez que o sujeito a associa a algo sombrio para as pessoas. O ser humano teme o desconhecido. Para ele é difícil compreender a finitude como algo que é constituinte da existência. Então ele pode utilizar do contexto religioso como um refúgio do sofrimento, pois a morte desperta sentimentos e sensações negativas, conforme apresentado por Kóvacs apud Santos (2017):

“Algumas das fundamentais expressões da morte estão compatíveis com a perda, ausência, ruptura, desintegração, abandono, dor, sofrimento, separação, desamparo e despedidas”

Por se tratar de algo relacionado a uma vivência de inferioridade, essa temática deveria ser discutida de forma natural na nossa sociedade. Mas há um enorme preconceito ao se falar sobre a finitude como afirma Combinato e Queiroz (2006): “Para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada.”

O processo de morte faz parte da existência humana, pois a vida e a morte são dois lados de uma mesma moeda, segundo Lima, Paranhos e Werlang (2009). As pessoas apresentam dificuldades em compreender e ressignificar psiquicamente a finitude da existência humana (p. 2), pois é ao compreendê-la que passamos a olhar a vida sob uma nova perspectiva, como foi apresentado por Kübler-Ross (2017) apud Sotelo (2007):



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

“refletir sobre a finitude é essencial, pois a vida e morte estão sempre juntas, uma não existe sem a outra. Reconhecer e aceitar nossa finitude, nos fortalece, humaniza o nosso ser e nos faz crescer”.

Ao receber um diagnóstico de doença terminal, o indivíduo pode optar por negar a morte e ao fazer isso, ele não se prepara para o momento final. Esse momento chega e ele entra num processo de agravamento da sua condição psíquica. A autora Kübler-Ross (2017) no livro “Sobre a morte e o morrer” percebeu através dos relatos de seus pacientes em estágio terminal avançado, que a maioria deles apresentavam, desde a descoberta do diagnóstico até à morte, cinco fases da morte, assim classificados por ela: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. A autora notou que nem todos os pacientes passariam necessariamente por essas fases na forma cronológica aqui apresentada.

Simonetti (2013) apresenta no livro “Manual de Psicologia Hospitalar” as estratégias e técnicas para orientar a prática e o fazer terapêutico desta práxis. Ele afirma que as técnicas apresentadas devem ser seguidas de acordo com o surgimento das mesmas no processo terapêutico. Isto se dá de forma espontânea, a partir da relação do profissional com o paciente, e é o paciente que irá apresentar as demandas ao psicólogo.

Trazendo para o atual contexto, a morte é um assunto recorrente, pois com o avanço da COVID-19, as pessoas passaram a temê-la mais. Ela pode estar próxima, o medo de se infectar e adoecer é doloroso, sem contar que os rituais de despedidas para os parentes que talvez percam suas vidas serão diferenciados. Isto impedirá que o luto seja vivenciado de uma forma plena. Nessas circunstâncias, o luto leva um tempo maior para ser elaborado pelos parentes. O contexto de distanciamento dificulta que os rituais de despedidas sejam realizados pela família do paciente (Nascimento e Abrahão et. al 2020).

Para o profissional da psicologia, é necessário que ele mesmo tenha um preparo, pois enfrentará junto com a equipe multidisciplinar esse momento difícil. A psicologia está presente para que todos os envolvidos possam vivenciar juntos o luto e pensar em como eles poderão ressignificar a perda.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Há que se considerar, também, que tanto o luto quanto a morte são vivenciados de formas diferentes nas diversas culturas. Ribeiro (2008) apresenta o exemplo do México, no qual é comemorado o “*Día de los muertos*” em 2 de novembro, data em que as famílias criam altares para homenagear os entes queridos que se foram. Na cultura mexicana, o dia 2 de novembro é o único dia do ano em que os espíritos podem retornar ao mundo para visitar suas famílias. Há uma discussão antropológica sobre esse tema, mas que não é o foco do trabalho.

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CONCEITOS

Ao longo da história do ser humano, ele vivencia diversas experiências diferentes, algumas boas e outras ruins. A morte sempre fez parte do aspecto ruim da existência humana, pois ninguém quer morrer e isso é um fato para qualquer pessoa desde que nascemos. A qualquer instante a vida poderá deixar de existir e o medo das possibilidades de como se irá morrer, se apresentará. Um contraponto à ideia de morte como finitude é apresentado por Ribeiro (2008):

“Na vida humana, sempre haverá a consideração do fato de que mesmo quando um ser humano deixa de viver entre os demais, ainda assim ele continuará eterno nas lembranças, na lição transmitida, no exemplo de pessoa e nas obras construídas em vida” (p.15).

Do ponto de vista da religiosidade, a morte assume o papel de confortar o indivíduo que teme a morte, pois a ele é oferecida a vida eterna na forma de pós-vida. Essa temática abordada acima no texto, possui o intuito de demonstrar que a compreensão da morte dependerá da cultura de determinada sociedade.

O luto é um processo que faz parte da condição humana. Todos os seres humanos vivenciam processos de luto. Ele não é somente a perda de um parente ou de um animal querido; deve ser compreendido como toda forma de



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

perda que o ser humano experimenta ao longo do seu processo de vida, de forma que ela tenha um valor emocional e afetivo para ele (Ribeiro, 2008). Além disso, o indivíduo poderá vivenciar a perda de um emprego, seja essa perda, forçada ou natural: natural como quando há o desligamento do estabelecimento de trabalho através de aposentadoria; forçada, quando ocorre a partir de uma demissão. Também se pode perder o propósito de vida, bem como do sentido existencial e, ainda, pode ocorrer a perda de um bem material.

A “Cartilha de Orientação ao Luto Parental”, desenvolvida pela ONG Amada Helena (s/d) apresenta alguns tipos de luto e fatores sociais que o ser humano vivência ao longo da sua existência. São eles:

Luto antecipatório: O indivíduo, a família ou qualquer pessoa que acompanha o processo de morte, seja diretamente ou indiretamente, já começa a elaborar o luto desse paciente antes do momento de o fim da vida acontecer.

Infantil: aqui, o luto é vivenciado durante a primeira infância, de forma que a criança terá uma compreensão da perda, diferente daquela do adolescente e do adulto. O luto será interpretado de forma lúcida para que a criança possa ressignificar a perda do ente querido.

Luto materno (gestacional ou natimorto): O luto irá se apresentar na figura materna diante da perda de um(a) filho(a), decorrente de algum processo natural (doenças genéticas, natimortos etc.) ou interferência humana (acidentes em veículos, no trabalho etc.).

Luto coletivo: Nesse caso, o luto se dá a partir de um sentimento coletivo de perda quando ocorre um fato tal como, por exemplo, a morte de um artista numa tragédia ou um evento de repercussão mundial, como o massacre na boate Pulse em Orlando em 12 de junho de 2016 ou na tragédia de Mariana, no qual ocorreu o Rompimento de barragem do Fundão e matou 19 pessoas em 5 de novembro de 2015. Nesses casos, o sentimento de luto se dá a partir da identificação ou empatia com aquela pessoa ou com um grupo vítima do ocorrido.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Luto não reconhecido: O luto, aqui, pode ser compreendido nos casos de suicídios, pois neles, os familiares, principalmente os pais, possuem a sensação de vergonha, de não aceitação daquela situação e também acontece o medo de julgamentos de valor e do julgamento moral dos outros.

Luto complicado: luto que pode ser confundido com o luto normal. O que diferenciaria os dois é que no luto complicado, o período de tempo, intensidade e frequência com que o sentimento de luto irá permanecer no indivíduo é maior.

Fases do luto

De acordo com estudos realizados com pacientes terminais abordados por Kübler-Ross (2017), foi possível compreender que o processo de luto elaborado pelos pacientes se estrutura em cinco fases, pois nem todos os pacientes passam por essas fases em sequência, que são:

Negação ou isolamento: O primeiro estágio do luto se manifesta a partir dos processos em que o paciente se recusa a aceitar a sua condição de morte existencial, elaborando frases como “não é possível que seja verdade, vamos refazer [os exames] pra ter certeza”, ou “Deus não faria isso comigo, eu acredito que ele vai me salvar”;

Raiva: O indivíduo que se encontra nesse estágio, vivencia a raiva. Consequentemente, o paciente elabora frases do tipo “O senhor ao lado está numa condição pior que a minha. Por que eu?”, “Eu sou tão jovem, não queria estar assim!” ou “Não é possível que Deus tenha feito isso comigo. Por quê, Deus?”.

Barganha: Nesse estágio, o paciente começa a ver a morte como um objeto de troca, de forma que ele acredita que consiga reverter o quadro diagnóstico pensando assim, por exemplo: “se eu fizer isso [ou aquilo], poderei ter mais tempo, ou até mesmo melhorar a minha saúde e sair do hospital”. Outros recorrem ao aspecto religioso dizendo: “Deus, se eu sair dessa cama,



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

prometo que irei ajudar o máximo de pessoas possível; serei uma pessoa melhor do que eu era antes”.

Depressão: Nesse estágio, o paciente já está ciente da sua condição terminal e dessa forma ele elabora questões envolvendo a perspectiva da autoimagem, relacionamentos, sentimentos de inferioridade, assuntos financeiros. Uma das questões que podem aparecer no relato do paciente é sobretudo o que ele deixará para trás e sobre como os familiares irão viver sem ele. Poderão surgir frases assim: “como a minha família irá sobreviver, sendo que sou eu que levo o sustento para casa?”, ou “eu me sinto horrível quando me olho no espelho e vejo no que me tornei!”, ou, ainda: “quem vai querer ficar perto de mim, sendo que eu só trago despesas e tomo o tempo demais?”.

Aceitação: No último estágio, o paciente reconhece e aceita a sua condição de finitude. Ele começa a ressignificar a sua vivência e a aceitar que a morte não é o fim de tudo, de maneira que ele continuará vivendo na forma de lembranças pelos outros.

A pandemia de Covid-19 e o papel da psicologia hospitalar

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia de Covid19 causada pelo SARS-CoV-2, simplificada e chamada de coronavírus, começou na cidade de Wuhan (China) em 31 de dezembro de 2019. A princípio, os relatos que foram notificados aos agentes de saúde, eram de pacientes que apresentavam um quadro de pneumonia causada por agentes desconhecidos. Desde que foi anunciada a pandemia de COVID-19 em 11 de março de 2020, os países asiáticos como Japão, Tailândia e Coreia do Sul sofreram com os primeiros casos da doença que logo recebeu o nome de Covid-19. Conseqüentemente, o vírus foi espalhando para os demais continentes.

O contágio e a transmissão do SARS-CoV-2 se dá através das gotículas produzidas por pessoas infectadas, levadas ao contato físico com outras



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

peçoas, geralmente através do ar. Por conta das formas de transmissão do vírus, a proliferação ocorreu de forma rápida e descontrolada e principalmente entre membros de famílias e de pessoas que exerciam alguma atividade que requer contato direto com outras (Brito, Braga et al., 2020).

No Brasil, o primeiro caso confirmado ocorreu na data de 26 de fevereiro de 2020, tendo sido o Estado de São Paulo, o primeiro Estado a apresentar a ocorrência de transmissão do vírus (Brito, Braga et al., 2020). No início de 2021, o estado do Amazonas foi acometido com uma crise no abastecimento de oxigênio nos hospitais decorrente do crescimento exponencial do número de casos de Covid-19. Conseqüentemente, o governo do Estado decretou que os pacientes fossem transferidos para os estados vizinhos, a fim de salvar a vida do máximo de pessoas.

Esse acontecimento marcou um momento muito delicado e triste no nosso país, pois as famílias que perderam um ente querido não tiveram a possibilidade de se despedirem dele e/ou souberam do tipo de morte a que foram submetidos. Sem o socorro básico possibilitado por um balão de oxigênio e conseqüentemente, esses familiares enlutados tiveram que passar por um processo mais longo de elaboração da perda, uma vez que eles não viveram adequadamente aquele momento em que a perda ocorreu, para começarem a elaborar o luto. Essa situação só reforçou a necessidade de se criar estratégias para dar suporte aos familiares, pois eles carregaram um sentimento de culpa ou de arrependimento, por terem feito algo para ajudar ou para reverter a situação. Até o dia 26 de outubro, foram contabilizadas 600 mil mortes causadas pelo SARS-COV-2 (Our World in Data).

Passemos agora, ao que podem fazer a psicologia da saúde e a psicologia hospitalar neste contexto. Consideremos a seguinte citação feita por Fischer, Araújo et al. (2007):

“A ciência da Psicologia da Saúde parte da premissa fundamental de que corpo e mente se influenciam reciprocamente. O psicólogo tratará das representações que o indivíduo tem da sua doença,



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

ocupando-se de toda a simbologia ligada ao que cada pessoa vivencia no seu processo como um todo.” (p. 25).

Partindo dessa frase, podemos entender que o profissional da psicologia hospitalar irá desempenhar a função de atender à tríade paciente/família/equipe multidisciplinar, a fim de promover qualidade de vida, bem-estar dos envolvidos no espaço hospitalar, além de ser o intermediário dos conflitos que poderão surgir naquele ambiente. Como afirma Santos (2017):

“o psicólogo também está com a função de produzir um canal de informações mais equilibrado entre esta tríade, proporcionando a aproximação e a relação de respeito e confiança” (p.34).

Além dessas questões apresentadas, o profissional da psicologia hospitalar deverá manter uma comunicação com o paciente, de forma que ela seja a mais autêntica e humanizadora possível para todos, também considerando-se as questões que podem surgir em todas as relações dos atores sociais envolvidos. Esse tipo de comunicação ajudará o paciente a diminuir seus sintomas de ansiedade, medos, situações ficcionais, angústias dentre outros. (ANGERAMI-CAMON,2001; ISMAEL,2005 apud Santos,2017)

Rituais de despedida no contexto de covid-19

Os rituais de despedidas são os mecanismos encontrados para se trabalhar o processo de luto, a fim de se ressignificar a perda da pessoa querida. Eles eram realizados com a presença de inúmeros indivíduos se aproximando do moribundo para prestar as últimas homenagens e tocar o corpo frio e sem vida. Os familiares que perdiam um membro da família contatavam os visitantes se abraçando, contando histórias etc. Mas a atual realidade implicou diretamente em novas configurações de se realizar esses rituais, atrapalhando o processo de luto normal dos indivíduos e grupos. O enterro tem a função simbólica de confirmação da morte, pois o indivíduo enlutado nega o ocorrido e recusa a aceitar e entender que a pessoa que



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

perdeu a vida não irá voltar. A aceitação facilitaria o processo do luto. Bem como os autores Nascimento e Abrahão (2020) apresentam:

“(...) o papel dos rituais é possibilitar que os indivíduos envolvidos com a situação da perda possam entrar em contato entre si e com o próprio fato da morte da forma mais funcional possível” (p. 3).

Para o acompanhamento do paciente de Covid-19 na internação, e até para os enterros restritos, novos rituais de despedida foram sendo adaptados, tais como a utilização de recursos tecnológicos (os encontros via chamadas de vídeo, a utilização de aplicativos de reunião on-line, o uso de mensagens ou áudios), ou a retomada do antigo hábito de escrever cartas por parte de familiares que pediam a entrega e leitura das mesmas aos pacientes internados. Essas estratégias foram e devem ser sugeridas e trabalhadas desde o início do processo de morte do paciente valendo-se, o psicólogo, da prática do atendimento à tríade da Psicologia Hospitalar (2020, p.5). Quando a morte se deu, algumas pessoas optaram por preservar espaços ou objetos que era ligados à pessoa que morreu, tais como o quarto onde ela dormia, algum banco ou cadeira usado, o armário de roupas etc.

CONCLUSÃO

O presente trabalho de pesquisa buscou relacionar algumas questões que são pertinentes para o entendimento das relações entre luto, morte e COVID-19. Buscou também sua contextualização no ambiente da psicologia hospitalar.

Para este trabalho, partiu-se da necessidade de compreender como o contexto de COVID-19 alterou a compreensão dos processos de luto e morte, bem como terá afetado a visão dos profissionais da saúde sobre esses processos dentro do espaço hospitalar. Foi possível entender como os processos de luto se manifestam no ser humano e como a pandemia de COVID-19 afetou todos os envolvidos, fossem eles os familiares, ou o paciente. Também se compreendeu os sentimentos que surgem a partir de uma morte



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

inesperada, e como a maioria dos indivíduos não consegue elaborar o luto, por conta do “efeito surpresa” que a pandemia causou a todos.

Infere-se, também, a partir do que foi apresentado na pesquisa, a importância de os profissionais da psicologia abordarem e falarem sobre a morte e o luto, de forma natural e simples, e não apenas no ambiente hospitalar. De modo que consequentemente levem, tanto os enlutados, quanto os pacientes, a conseguirem compreender o seu processo individual de luto e adoecimento para que possam ressignificar o sentido que atribuem ao seu sofrimento. E que, em alguns casos, possam dar um novo propósito às suas vidas.

É necessário que pacientes e familiares possam compreender a importância da ressignificação do seu sofrimento existencial, bem como aprendam a lidar com o vazio gerado pela perda do objeto de seus investimentos. Por isso o profissional da psicologia hospitalar deverá ter o preparo correto para acolher as demandas que irão surgir em seu trabalho. Pois a psicologia atuará no alívio do sofrimento gerados pelo ambiente hospitalar, além de atuar como intermediário com a tríade, de forma que ocorra da equipe multiprofissional utilizar de um vocabulário mais formal e que na maioria das vezes, as famílias não conseguem compreender o que está se falando e gerar um desconforto maior e até trabalhar em alguns casos em que a equipe vai comunicar a família que o paciente faleceu e que há a possibilidade de utilizar os órgãos do paciente falecido para realizar o transplante. O profissional também deverá se atentar na compreensão das fases do luto, a perda do sentido existencial experimentado por alguns pacientes, bem como as experiências de perdas objetivas decorrentes da pandemia de COVID-19.

Por esses motivos que se faz necessário o profissional da Psicologia Hospitalar possa entender que as demandas já citadas acima é de extrema importância tanto para a tríade hospitalar quanto para a psicologia, essas



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

contribuições acrescentarão na formação e na visão humanizadora do paciente.

MOURNING, DEATH AND COVID-19: A STUDY ON FINITUDE

ABSTRACT

The article presents the concepts of mourning and death in the current context of the COVID-19 pandemic and brings the contributions of Hospital Psychology on the subject. It discusses the experiences of death and mourning, usually viewed negatively in the understanding of common sense and relates this negativism to the little acceptance of human finitude by the majority of society. The method used was the bibliographic review through which we searched articles, books, periodicals and booklets, works on the topics in focus. It concludes with the indication that psychology professionals can understand the topics addressed and understand the need to talk about them in the hospital context, as well as in other areas of their profession.

Keywords: Mourning. Death. Covid-19. Finitude. Hospital psychology

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brito, Sávio Breno Pires; Braga, Isaque Oliveira; Cunha, Carolina Coelho et al. Pandemia da COVID-19: **o maior desafio do século XXI**. Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia, 2020. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1531/1148>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Ceccon, Neila Jucilene. A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista. **Caderno de Artigos Científicos**, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisvinci/article/view/3181/3048>. Acesso em 14 de novembro de 2021.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Cogo, Adriana Silveira et al. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, 2020. 10 p. Cartilha. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Combinato, Denise Stefanoni; Queiroz, Marcos de Souza. Morte: **uma visão psicossocial**, vol. 11, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Crispim, Douglas; Silva, Maria Júlia Paes da; et. al. **Comunicação difícil e COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://ammg.org.br/wp-content/uploads/comunica%C3%A7%C3%A3o-COVID-19.pdf.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Fischer, Joyce Mara Kolinski. **Manual de tanatologia**. 21 ed. Curitiba. Gráfica e editora unificadas. 2007. Disponível em: <https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/159.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Kovács, Maria Júlia. Desenvolvimento da Tanatologia: **estudos sobre a morte e o morrer**. Paidéia, Ribeirão Preto. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/jQrBZXqtr35w7Y8pqCFcTJH/?lang=pt>. Acesso em 14 de novembro de 2021.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Kovács, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo.

Casa do Psicólogo. 1992. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%81CS%2C%20M.%20J.%20-)

[%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%81CS%2C%20M.%20J.%20-%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano.pdf). Acesso em 14 de novembro de 2021.

Kübler-Ross, Elisabeth. A morte: **Um amanhecer**. Editora Pensamento, São Paulo, 1991.

Kübler-Ross, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer: **O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 1ª edição eletrônica, Paulo Menezes. São Paulo, 2017.

Lima, Gabriela Quadros de; Paranhos, Mariana Esteves; Werlang, Blanca Susana Guevara. Contribuições da Tanatologia no processo de morrer. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, 2009. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/31>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Macedo, João Carlos Gama Martins. Elisabeth Kübler-Ross: **a necessidade de uma educação para a morte**. Universidade do Minho, 2004. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/947>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Maffini, Tatiana; Rott, Flávia. **Cartilha de Orientação ao Luto Parental**. ONG Amada Helena. s/d. Disponível em:

http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CCDH/Cartilha%20de%20



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

[Orienta%C3%A7%C3%A3o%20ao%20luto%20Parental.pdf](#). Acesso em 14 de novembro de 2021.

Mendonça, Anna Valeska Procópio de Moura. Cuidados paliativos e ser-para-morte: **reflexões sobre um atendimento psicológico**. 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17523>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Mosimann, Laila T. Noletto Q.; Lustosa, Maria Alice. A Psicologia hospitalar e o hospital. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-08582011000100012. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Nascimento, Adriana Rodrigues; Silva, Bruna Kelley Brito da; Abrahão, Barbara A. Rezende et. al. rituais de despedida no contexto da pandemia da COVID-19. **Cadernos ESP - Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**, Vol. 14, 2020. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/384/216>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Ribeiro, Euler Esteves. **Tanatologia: vida e finitude**. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2008. Disponível em: http://www.crde-unati.uerj.br/liv_pdf/tanatologia.pdf. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Santos, Patrícia Pollyanna Lysike. **Contribuição da psicologia fenomenológica existencial no enfrentamento da morte**. Centro Universitário Luterano de Palmas, Tocantins, 2017. Disponível em:



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

<https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/publico/home/documento/1155>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Simonetti, Alfredo. Manual de psicologia hospitalar: **o mapa da doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000200009. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Sousa, Angélica Silva de; Oliveira, Guilherme Saramago de; Alves, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, V. 20, n.43, 2021. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Trucharte, Fernando Rodrigues; Knijnik, Rosa Berger; Sebastiani, Ricardo Werner; Angerami-Camon, Valdemar Augusto (organizador). Psicologia Hospitalar - **Teoria e Prática**. Ed. Cengage; 1ª edição, 2003. Disponível em: https://kupdf.net/download/livro-psicologia-hospitalar-teoria-e-pra-aaacute-tica-valdemar-augusto-angerami-completo_58def1e5dc0d601a2a8970e7_pdf. Acesso em 14 de novembro de 2021.

Von Hohendorff, Jean; Vieira de Melo, Wilson. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: **contribuições à Psicologia Hospitalar**, vol. 9, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200014. Acesso em 14 de novembro de 2021.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos